

1984



"Soneto del Petrarca, opus 30" — 1984, óleo s./tela, 73 x 60 cm.

AMAURY CHAVES

O EXPRESSIONISMO ABSTRATO DE AMAURY CHAVES

Esta é a primeira exposição individual do artista, que até agora apenas tem participado de apresentações coletivas.

Amayry Chaves começou seus estudos pictóricos, muito jovem, com treze anos de idade, fazendo paisagem na Colméia dos Pintores do Brasil, criada e dirigida por Levino Fânzeres. Ocupava-se geralmente de cenas e aspectos na Quinta da Boa Vista. Lá fizeram seu aprendizado numerosos pintores, alguns dos quais conquistaram renome, como é o caso de Sergio Telles.

Teve Amaury Chaves seu contacto inicial com a arte abstrata, na II Bienal de São Paulo. Ou seja a extraordinária amostragem do 4º Centenário de São Paulo, a mais importante exposição realizada no Brasil, na segunda metade do século e até mesmo no mundo inteiro, pelo conjunto incomparável das obras trazidas então ao nosso país.

Passou o artista, em conseqüência, a interessar-se pelos problemas específicos da abstração, entretendo-se em experiências variadas, neste domínio das artes visuais. Matriculou-se em 1963 na ENBA, abandonando-a no ano seguinte, para ingressar na ESDI. Fez, concomitantemente, pesquisas com Norman Westwater e Ivan Serpa, concluindo o curso da ESDI em 1967.

Após esses estudos, voltou inesperadamente em 1969, ao naturalismo acadêmico, numa atitude paradoxal.

Participou de salões diversos, retornando à abstração em 1972.

- Por quê esta decisão, depois de várias tentativas díspares?
- Conclui que a minha linguagem definitiva era a abstração lírica, que continuo praticando até hoje.



"Crepúsculo dos Deuses, opus 26" – 1984, óleo s./tela, 50 x 61 cm.

Galeria Olivia Kann

*Convida para o vernissage da
exposição de pinturas de
AMAURY CHAVES, 5ª feira,
dia 22 de novembro de 1984.*

*Coquetel das 18 às 22 horas,
(hora de fechamento do FORUM)*

*A Exposição ficará aberta ao
público diariamente de 2ª a 6ª das 10 às
21 horas e aos sábados das 10 às 14
horas, até o dia 8 de dezembro.*

Rua Visconde de Pirajá, 351 – Loja 105 (Forum Ipanema)
Tel.: (021) 521-3695 – CEP 22410 – Rio de Janeiro – RJ



Dedico esta exposição à minha mulher, Mariana, que sempre me incentivou, nunca me permitindo deixar-me abater pelo desânimo nas horas de maior dificuldade e também à memória de Odette Barcelos, cujo estímulo me fez retornar à pintura em 1969.

Volto a observar:

– Com esta conduta, você está hoje remando contra a maré. Isto não lhe acarreta perplexidades e contratempos, nesta época de retorno da imensa maioria dos pintores ao realismo?

– O fato é que escolhi o meu caminho. O resto conta pouco para mim.

Alexandre Miller acentuou, em 1981, que Amaury Chaves queria fazer da pintura uma arte semelhante à música, que foi o supremo objetivo do grande Kandinsky, ao iniciar a arte abstrata. Acrescentou que o pintor refletia seu mundo interior, expressando sentimentos tristes ou alegres.

A verdade é que o expositor procura sempre revelar sua subjetividade. Alias, este é o propósito do expressionismo abstrato. Arte bem mais aberta que a abstração geométrica, que se voltou mais para as criações do espírito. Enquanto isso, o abstracionismo lírico reflete estes e outros sentimentos mais profundos e transcendentais.

Umberto Eco, com sua acuidade de pensador, fez a esse respeito observações definitivas, mostrando os significados intrínsecos desta corrente da abstração em nosso século.

Amaury Chaves costuma variar as formas e cores de suas telas. Alterna a morfologia e os tons, de acordo com a fase em que se encontra. Ora as tonalidades são quentes, ora frias. Disso resulta que ele faz um tipo de estrutura cromática, que lhe é peculiar ou pessoal. Usa sempre a espátula para espalhar no suporte as cores e desenvolver as manchas, maiores ou menores.

É claro que são mais atraentes e sugestivas as de colorido vibrante.

Já não é mais vanguardista sua proposta, a exemplo do que ocorria, no início da década de quarenta, com os pintores da abstração lírica. Mas isso hoje pouco importa ao expositor. O que ele deseja é expressar sentimentos nostálgicos, à margem de qualquer posição avançada. Isso agrada a uma parte significativa do público, inclusive no exterior, onde o artista sempre encontrou compradores. Ontem como hoje, esses colecionadores desdenham da vanguarda, que – de resto – sempre mudou, no tempo e no espaço.

Rio, outubro de 1984

ANTONIO BENTO



“Estudo Transcendental, opus 18” – 1984, óleo s./tela, 54 x 65 cm.

instituto de arte contemporânea

APOIO CULTURAL



MERIMPEX S.A.
corretora de câmbio e valores